}4.1.

CODINA, Mónica – *Donde vive la libertad: Una lectura de Romano Guardini*. Madrid: Biblioteca Nueva, 2011. 246 p. Ensayo; 43.

Mónica Codina, doutora em Filosofia e professora na Faculdade de Comunicação da Universidade de Navarra, tem vindo a desenvolver a sua investigação sobre a obra de F. Dostoyevski (*El sigilo de la tradición y nihilismo en la narrativa de Dostoyevski*, Pamplona, 1997), cujo universo religioso da sua narrativa foi também objeto de reflexão por parte de Guardini (*Religiöse Gestalten in Dostojewsijs Werk*, 1932). Eis talvez a razão que justifica o irmanar desta duas figuras incontornáveis da nossa história recente.

Romano Guardini (1885-1968) é um dos pensadores católicos do século XX a quem gradualmente se foi prestando menos atenção, a partir da década de 80, como de alguma forma comprova a bibliografia passiva que a professora da Universidade de Navarra nos oferece no final deste ensaio. É contudo absolutamente necessário revisitar o seu pensamento para a compreensão profunda da reforma eclesial de que o Concílio Vaticano II é testemunho histórico. Mas é também uma obra plural, aberta e criticamente dialogante, sem a qual se tornaria muito difícil a perceção de como o século XX se situou perante as tragédias, mas também perante a acelerada mudança de paradigma civilizacional.

Esta análise sobre Guardini constata a necessidade da recondução do pensamento ocidental para a questão do sentido, desde a razão e da mais profunda estrutura psicológica da trama relacional em que o ser humano se encontra, no plano de uma mundividência católica (*katolische Weltanschauung*). É precisamente nesta encruzilhada do sentido e da relacionalidade que a autora deteta uma profunda afinidade entre o pensamento do pensador italiano com a narrativa do escritor russo. A questão do sentido (*logos*) entrelaça-se com a da liberdade, situadas vital e existencialmente, pois «existencial é o pensamento, os factos e a intuição de relações de sentido que permitem ao homem chegar à compreensão de si mesmo, e à relação do mundo com ele e da sua com o mundo» (p. 157).

José Pedro Angélico